

Educação popular e educação de pessoas jovens e adultas entre tempos de enlaces e travessias

*Popular education and youth and adult education
within times of bonds and passages*

DOI:10.18226/21784612.v27.e0220059

Márcia Soares Alvarenga¹

Maria Clarisse Vieira²

Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar os entrelaçamentos entre o Grupo de Trabalho de Educação Popular (GT 06) e o Grupo de Trabalho de Educação de Pessoas Jovens e Adultas (GT 18), acentuando as condições que fizeram com que pesquisadores dedicados aos estudos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) postulassem um lugar de debates para discussões de pesquisas de interesses específicos na estrutura organizativa da Anped. O artigo ancora-se na teoria crítica formulada por Walter Benjamin, em especial o conceito materialista-dialético de história escovada a “contrapelo”, de modo a ressaltar as travessias e as passagens que repercutiram em aparentes dissonâncias em relação ao campo da Educação Popular. O artigo lança mão de análise bibliográfica e documental, tendo em vista abordar os 40 anos da criação do GT de Educação Popular, incluindo os acontecimentos que principiam o reposicionamento de pesquisadores para a definição de um campo de pesquisas sobre Educação de Jovens e Adultos, por meio do GT 18. Argumenta-se que, no contexto nacional, as condições produzidas pela transição democrática contribuíram para uma conjuntura favorável às travessias para se pensarem epistemologias e ressignificações de experiências tanto na Educação Popular quanto na Educação de Jovens e Adultos, na perspectiva escolar. Além de capturar dissonâncias que levaram a constituir esse grupo em suas especificidades, o texto mostra as interfaces entre esses grupos no campo acadêmico, por meio dos enfrentamentos contra ações impostas pelo desmonte da democracia e pelo cerco criminoso aos povos originários, aos povos quilombolas e aos trabalhadores

¹ Professora associada da Faculdade de Formação de professores da UERJ

² Professora da Faculdade de Educação da UnB e do Programa de pós-graduação em educação da UnB

do campo e da cidade. O texto indica que a criação do GT 18 não significou rupturas com princípios que orientam a EJA na perspectiva da Educação Popular, considerando que a modalidade traz consigo a marca social dos oprimidos, cujas histórias estão abertas a escritas rebeldes.

Palavras-chaves: Educação Popular. Educação de Jovens e Adultos. Travessias e passagens. Rememoração.

Abstract: This article aims to address the intertwining between the Popular Education (GT 06) Working Group and the Education of Young and Adult People (GT 18) Working Group, emphasizing the conditions that made researchers dedicated to studying the education of young people and adults to postulate a place of debates for discussions of research of specific interests in the organizational structure of Anped. The article is anchored in the critical theory formulated by Walter Benjamin, in particular the materialist-dialectical concept of history being gone through against the grain in order to highlight the crossings and passages that had an impact on apparent dissonances in relation to the field of Popular Education. The article makes use of bibliographical and documental analysis, in order to approach the 40 years of the creation of the Popular Education GT 18, including the events that begin the repositioning of researchers to define a field of research on youth and adult education, for middle of GT 18. The article argues that, in the national context, the conditions produced by the democratic transition contributed to a conjuncture favorable to the crossings to think about epistemologies and resignifications of experiences both in Popular Education and in the education of young people and adults from a scholar perspective. In addition to capturing dissonances that led to the formation of this group in its specificities, the text shows the interfaces between these groups in the academic field through confrontations against actions imposed by the dismantling of democracy, by the criminal siege of native peoples, by quilombola's people and workers. From the country side and the city. The text also indicates that the creation of G 18 did not mean that there were ruptures with principles that guide YAE in the perspective of Popular Education, considering that the modality brings with it the social mark of systemically oppressed groups, whose stories are open to rebellious writings.

Keywords: Popular Education. Youth and Adult Education. Crossings and passages. Remembrance.

Introdução

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin

A relevância de rememorar a criação de Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), como é o caso dos 40 anos do Grupo de Trabalho de Educação Popular (GT 06) e dos 20 anos do Grupo de Trabalho de Educação de Pessoas Jovens e Adultas (GT 18), reside em revisitar percursos palmilhados por desafios e possibilidades que se modificam com a realidade dos contextos histórico-sociais, mudando, também, suas próprias rotas em direção a outras travessias.

A rememoração do percurso do GT 06, desde a sua criação em 1981, encontra-se documentada nos trabalhos apresentados ao longo dos seus 40 anos. O diálogo estabelecido entre Costa e Fleuri (2001), ao ressaltarem o movimento de “travessia” dos pesquisadores do campo da Educação Popular (EP), também nos auxilia a voltar para estas quatro décadas, resignificando práticas e experiências de Educação Popular junto aos grupos subalternizados³.

A problemática que orienta este artigo foi construída ao identificarmos movimentos realizados por pesquisadores dedicados aos estudos sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) que atuavam, até 1998, principalmente no GT 06 e no GT 03 (Movimentos Sociais). A partir desse período, pesquisadores buscaram construir um espaço próprio na estrutura organizativa da Anped para discutir questões específicas relacionadas às temáticas da Educação de Jovens e Adultos. Nesse contexto, observamos tratarem-se de movimentos simultâneos entre pesquisadores de um campo de pesquisa consolidado e de outro a se consolidar, que possuem enlances com um passado de lutas enraizadas na perspectiva emancipatória.

³ Aqui nos inspiramos no sentido atribuído por Gramsci (1995, 1999), ao referir-se aos subalternizados como todos os que vivem sob uma situação de dominação econômica, social e cultural em relação às consideradas classes sociais dominantes.

Consoante à problemática anunciada, o objetivo deste artigo é abordar os entrelaçamentos entre o Grupo de Trabalho de Educação Popular (GT 06) e o Grupo de Trabalho de Educação de Pessoas Jovens e Adultas (GT 18), acentuando as condições que fizeram com que pesquisadores dedicados aos estudos da Educação de Jovens e Adultos postulassem um lugar de debates para discussões de pesquisas de interesses específicos na estrutura organizativa da Anped.

Encaminhado por esse objetivo, o artigo, com o caráter bibliográfico e alguns subsídios da empiria, aborda os 40 anos da criação do GT de Educação Popular e os acontecimentos que principiam o reposicionamento de pesquisadores para a definição de um campo de pesquisas sobre Educação de Jovens e Adultos por meio do GT 18.

Na presença de vestígios que nos chegam quando rememorados, ancoramo-nos na teoria crítica formulada por Walter Benjamin (2005) sobre o conceito materialista-dialético de história escovada a “contrapelo”, tendo em vista o compromisso com a perspectiva das experiências dos vencidos e dos oprimidos, como diria mais tarde Paulo Freire (1987).

Walter Benjamin em uma leitura sobre os GTs de Educação Popular e Educação de Pessoas Jovens e Adultas

Ao interpelar a rigidez da racionalidade técnica, por não ceder aos sonhos e às paixões humanas, Benjamin (1971, p.111) defende que “Todo conhecimento filosófico tem sua única expressão na linguagem e não em fórmulas e números”. No contexto de rememoração, lembramos o trabalho encomendado a Alceu Ferraro (2005, p. 47), um dos primeiros coordenadores da fundação da Anped, quem observa que,

Como o próprio nome o diz, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) mantém vínculos com dois campos de interesse bem distintos, embora estreitamente relacionados entre si: a pós-graduação em educação e a produção e disseminação do conhecimento nessa mesma área.

Ao identificar dois campos de interesses interrelacionados, ou seja, o político e o científico, Ferraro (2005) nos apresenta

duas opções políticas da Anped, as quais convergem no sentido de contribuir para a definição de políticas públicas ao mesmo tempo que aprofundam e disseminam conhecimentos com vistas à consolidação da Pós-Graduação.

Vemos que esse olhar sobre a Anped nos oferece rica expressão sobre o pressuposto de interpelar o conhecimento a partir de perspectivas acionadas por interesses que circulam e tensionam uma área de conhecimento.

Nessa perspectiva, compreendemos com Benjamin que a produção de conhecimento é social e coletiva, pois nos mostra que a experiência da produção e do compartilhamento de conhecimento radica-se na experiência que não se concentra no indivíduo, mas no coletivo que dá sentidos e força ao conhecimento humano.

A perspectiva teórico-epistemológica benjaminiana está calcada no caráter histórico-social do conhecimento também presente na dialética materialista de Marx e Engels. Tal como o filósofo alemão, Benjamin recorre a várias metáforas, imagens e alegorias para expressar que o conhecimento não se detém a um sistema fechado, determinista, sendo algo aberto que acolhe o inacabado. Neste artigo, trazemos a metáfora da “travessia” evocada por Costa e Fleuri (2001) nos diálogos sobre o percurso realizado pelo GT 06 entre os anos de 1992 e 1998, que representa um momento de experiência coletiva para um “salto lógico” na pesquisa em Educação Popular.

Ao percorrer a trajetória no interior do GT 06 e o movimento instituinte que, posteriormente, levará à frente a institucionalização do GT 18, somos convidados a aproximar a metáfora da “travessia” e o conceito de “passagem” em Walter Benjamin. Ou seja, passagens são ocorrências de mudanças que se perfazem por fatos, acontecimentos, artefatos e sujeitos que se imbricam na relação com tempos e vão demarcando (re)posicionamentos epistemológicos, éticos, estéticos, políticos. Desse modo, os enlaces e os aparentes desenlaces institucionais entre os grupos de Educação Popular e, agora, Educação de Pessoas Jovens e Adultas palmilham percursos tensionados que se revelam não em travessias solitárias, mas dialógicas.

Pelo olhar histórico da travessia com a intenção de dar o “salto lógico”, o referencial benjaminiano indica não a descrição de um passado, mas um fazer histórico que se materializa pela suspensão de *Cronos* (tempo linear) do progresso por *Kairós* ou *Jetztzeit* (momento oportuno).

O passado constitui uma relação pela qual caminham relações de tensão e oportunidades criadas para momentos de salto escritos pelo que trazemos e pelas condições históricas que impulsionam ao salto “como a ação revolucionária de ruptura”, que torna possível aos sujeitos históricos perceber e aproveitar oportunidades favoráveis à escolha de sua própria liberdade no momento.

Pode-se dizer que os 40 anos do GT Educação Popular se fizeram possíveis como ação do tempo de *Kairós* benjaminiano, embora este não possa ser completamente apreendido, pois são quatro décadas que não se conformam a uma direção única no campo da Educação. Assume várias direções, incluindo o GT 18, que dele emerge e, no curso de seus 20 anos, também percorre direções distintas pelos sujeitos que o constituem e chegam dos respectivos grupos.

Trazemos essa perspectiva dos 40 anos por meio da imagem do “salto lógico” e do “salto do tigre” sobre o passado, essa última imagem consagrada por Benjamin (2005; 2008) ao contrapor o *Kairós*, tempo de interrupções, ao *Cronos*, tempo linear.

Em finais dos anos 90, Souza (1998) se dedicou a perceber o momento do salto ao realizar a reconstrução de três processos que se verificaram simultâneos, no contexto conjuntural na década de 1990. Para o autor, esses processos contribuíram, conforme documentos analisados, na “Refundamentação da Educação Popular”. Sobre esse momento, o autor argumenta que:

Esses processos se conectam com um ciclo histórico de EP que vem se desenvolvendo, a partir das experiências e reflexões de Paulo Freire no Nordeste brasileiro e, em seguida, no mundo, e se vêem hoje, desafiados por novas tarefas colocando-nos diante de realidades diferentes, de outros sujeitos e de cenários emergentes. (SOUZA, 1998, p. 13).

A conjuntura do qual emergiram leituras sobre a ideia de “refundamentação” sobre os modos de fazer/pensar o GT de

Educação Popular volta-se para o passado que faz apelo ao presente. Assim, a partir da ideia de que a tradição como um “ocorrido é sempre simultaneamente” (BENJAMIN, 2018, p. 770), o ocorrido é provocador de tensões de e entre tempos. As experiências dos movimentos de Educação Popular constituem situações de oportunidades abertas para se fazer a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da Educação Popular.

Ressalta-se que em 2000, um ano antes da conformação do GT 18, e ainda com pesquisadores ligados ao GT de Educação Popular, Haddad coordenou pesquisa sobre o estado da arte da Educação de Jovens e Adultos no Brasil em produções discentes dos Programas de Pós-Graduação no período de 1986 a 1998.

Haddad (2000) destaca que os temas relacionados à Educação de Jovens e Adultos envolveram, majoritariamente, processos de Educação de Jovens e Adultos em sistemas escolares. Por sua vez, os temas em conexão entre EP e EJA eram os que menos estavam presentes entre as produções levantadas.

No estudo referido foi destacado que a ocorrência da mobilização da sociedade civil, em especial a partir da criação dos fóruns de EJA, também se evidenciou no âmbito acadêmico, fornecendo condições para a composição e o momento do “salto do tigre” que fez eclodir o GT 18.

Haddad (2011, p. 10) defende um espaço próprio para discutir a Educação de Jovens e Adultos, em face ao fato de que muitos trabalhos “realizados no âmbito da sociedade civil, denominados por ‘educação popular’, não tomavam em consideração a demanda por escolarização”, o que levou movimentos de vários setores da sociedade civil a pressionarem o Poder Público para atender “a demanda adequada para esse setor da população”.

As autoras deste artigo consideram o argumento de Haddad um momento de ruptura de tempo de possibilidades que orientou a posição defendida por pesquisadores, corroborando a definição da Educação de Jovens e Adultos como um campo de pesquisa. Nesse sentido, vale convocar Bourdieu e Wacquant (2014, p.131), quando argumentam que o termo “campo” deve ser pensado “relacionalmente”. Os autores partem da formulação de Hegel de que “*lo real es lo relacional*” e chegam a Marx para concluir que não

se trata de interações entre agentes ou laços intersubjetivos entre indivíduos, senão relações objetivas que existem independentemente da consciência ou da vontade individual. Os autores refletem que “*en términos analíticos, un campo puede ser definido como una configuración de relaciones objetivas entre posiciones*”.

Vemos que esse movimento de rever o passado se mostrou oportuno para uma posição tomada por pesquisadores dedicados aos estudos sobre Educação de Jovens e Adultos que apresentavam trabalhos no GT 06. Isso expressa uma dimensão de origem do GT 18 que não se constituiu fora de uma relação com a Educação Popular e os Movimentos Sociais. Ou seja, a partir da perspectiva de Benjamin (2011, p. 34), o termo “origem” não é regulado por um tempo definido por um antes e um depois, já que, por um lado, “o originário quer ser reconhecido como restauração e reconstituição e, por outro, exatamente por isso, como algo incompleto e inacabado”.

Pela leitura benjaminiana, pode-se compreender esse movimento sobre acontecimentos que fermentaram um “salto” com os resíduos do passado para a conformação de um campo de pesquisa na área da Educação.

Ao interpelarmos sobre quais são as especificidades da EJA, também nos provocamos a interpelar as condições da produção da vida dos sujeitos que buscam conciliar trabalho e escola e, também, terem o “direito ao delírio”, como exalta Eduardo Galeano (2022, p.237), ao defender que “embora não possamos adivinhar como será o mundo, temos ao menos direito de imaginar com gostaríamos que fosse”. Nesse sentido, compreender essas condições da produção da vida é compreender o caráter da Educação Popular na perspectiva dos seus sujeitos que buscam a escola como delírio.

É o que nos dizem os estudos de caráter de estado da arte das produções do GT 18 ao mostrarem o quanto tem sido evidenciada a especificidade da trajetória dos sujeitos subalternizados. Vale dizer, “os condenados à sobrevivência que buscam o horizontes de liberdade e emancipação no trabalho e na educação” (ARROYO, 2006, p. 19).

As referências à EP nos trabalhos do GT 18 sugerem cumprir um papel de que não se pode perder a memória sobre os sentidos das experiências emancipatórias da Educação Popular

quando conformamos a EJA a uma modalidade na estrutura e na organização da Educação Básica. Pierro, Joia e Ribeiro (2001) chamam atenção para um caráter “fronteiriço” da EJA que vai além do sentido estrito da escolarização. Essa marca de possibilidades de que a EJA vai além da escolarização nos remete às possibilidades abertas para as abordagens de práticas pedagógicas da Educação Popular presentes nos trabalhos apresentados no GT 18. Mais recentemente, ao acessarem os trabalhos do GT 18 no recorte temporal de 2009 a 2017, as autoras do presente artigo identificaram que, nesse período, o termo “Educação Popular” está entre os mais citados pelo conjunto de trabalhos analisados, como apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Trabalhos GT 18 – Palavras-chaves (2009-2017).

Palavras-chaves	Frequência	
EJA	44	11,9%
Proeja	20	5,4%
Formação docente/educadores	9	2,4%
Trabalho e Educação	7	1,9%
Educação Popular	6	1,6%

Fonte: Elaboração das autoras a partir de consulta dos trabalhos disponíveis na página da Anped – GT 18.

Muito embora a pesquisa tenha detectado grande dispersão de palavras-chaves, em um total de 371 o termo “Educação Popular” é o quinto mais citado. Excetuando-se a obviedade de “EJA” ser o termo mais citado, as quatro palavras mais recorrentes refletem a marca social de trabalhadores-estudantes, o que converge para a necessidade de formação de professores que sejam sensíveis, compromissados e competentes para atuar junto aos sujeitos da EJA.

Vale ainda informar que, nesse mesmo período em questão, 06 (seis) trabalhos tematizaram problemáticas sobre Educação Popular:

Quadro 2 – Trabalhos do GT 18 e o Tema Educação Popular –
2009 a 2017.

Trabalho	Número
Educação Popular no semiárido sertanejo	2
Educação Popular e Movimentos Sociais	1
Educação Popular e Agência de Cooperação Internacional	1
Educação Popular no campo	1
MEB e práxis freireana	1

Fonte: Elaboração das autoras a partir de mapeamento de pesquisas no GT 18.

Entre vários aspectos ressaltados nesses trabalhos de caráter qualitativo, chamam atenção as pesquisas empíricas realizadas em contextos não urbanos, o que sugere que os princípios da Educação Popular no período apurado e no âmbito do GT 18 foram mais expressivos quando articulados aos projetos engendrados por Movimentos Sociais populares.

Muito embora o número pequeno de trabalhos dificulte densidades analíticas, pode-se inferir que a Educação Popular é um instituinte de repertórios de ação-reflexão-ação que se constitui enquanto prática político-pedagógica das classes populares organizadas coletivamente. Assim, podemos compreendê-la como “uma perspectiva, uma metodologia, uma ferramenta de apreensão, compreensão, interpretação e intervenção propositiva de produção e reinvenção de novas relações sociais e humanas” (CALADO, 1999, p. 137).

É interessante percebermos que a perspectiva da Educação Popular na escolarização de crianças, jovens e adultos tem os seus momentos de “salto”, embora muito mais difíceis de serem visibilizados na atual conjuntura histórica. Aqui vale trazer o trabalho realizado por Paulo Freire à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989-1991), convidado pela prefeita Luiza Erundina (1989-1993).

Em exílio forçado no exterior durante 15 anos, Freire retoma a sua práxis político-pedagógica, dessa vez em solo brasileiro, para contribuir para a Educação democrática, popular e de qualidade.

Ao enfrentar os desafios da escola pública degradada pelo abandono das classes dominantes, Freire defende que em sua gestão: “A marca que queremos imprimir coletivamente às escolas privilegiará a associação da educação formal com a educação não-formal. A escola não é o único espaço de veiculação do conhecimento” (SÃO PAULO, 1989, p. 7).

Nesse sentido, assumimos a perspectiva de Freire de que a Educação Popular é a Educação dos oprimidos, uma Educação que se evidencia como história aberta aos inéditos-viáveis mobilizados pelas classes populares.

A Educação de Jovens e Adultos é entremeada pela “história aberta” dos oprimidos como momento ético da libertação latino-americana e se conecta às experiências da Educação Popular, pois, conforme reporta Wanderley (1979, p. 74), “o povo sabe acumular historicamente, tem sua sabedoria, suas formas de expressão próprias, sua lógica do mundo cotidiano, sua simbologia e sua linguagem”.

Momentos de ações para romper o contínuo da história...

No circuito de debates na ANPED e na sociedade como um todo existe um consenso de que as mudanças ocorridas, em especial após a década de 1970, não alteraram significativamente o acesso das classes populares à Educação Pública. Nas décadas seguintes a maior parte da população conquistou o direito de entrar na escola, ao mesmo tempo que o ciclo das políticas neoliberais estendia no tempo o processo de “exclusão branda” (BOURDIEU, 2008) de crianças, jovens e adultos das classes populares que chegam à escola.

Esse processo da exclusão branda nos remete aos anos 90, que têm se mostrado bastante interessantes para análises como tempo-de-agora pela qual a dialética histórico-social benjaminiana nos faz recolher fragmentos políticos, epistêmicos e estéticos como imagens em materialidade de acontecimentos “saturadas de agoras” que, por não serem finitas, estão abertas a travessias quando nos debruçamos sobre os ocorridos que vão processando os enlaces.

A leitura desse contexto é relevante quando buscamos compreender os desafios da Educação Popular como perspectiva na escolarização das classes populares. Sobre isso, vale retomarmos as preocupações de Esteban e Tavares (2013, p. 297), ao afirmarem que “A chegada massiva das classes populares na escola [...] incrementa a visibilidade da diferença em seu cotidiano com a produção escolar e social da desigualdade”.

Sem dúvida, a escola como lugar ao qual jovens e adultos têm recorrido, seja para elevar a sua escolarização, para reproduzir vida ou por motivações subjetivas que dão ânimo ao direito ao delírio e representam a conquista do direito à escola, é um dos mais importantes repertórios das lutas das classes popular e trabalhadora, constituindo um dos seus patrimônios coletivos.

Se a criação do GT 18, no ano de 2000, ganha delineamentos em um contexto nacional favorável para atender especificidades dos sujeitos que não tiveram acesso ao direito à escolarização, ao mesmo tempo esse ambiente é sufocado por uma conjuntura internacional que impõe grandes enfrentamentos para as organizações de trabalhadores, as políticas sociais e as instituições que vinham estabilizando o direito à Educação em todos os níveis de ensino.

No contexto do golpe midiático-jurídico-parlamentar que destituiu a presidenta eleita Dilma Rousseff no ano de 2016, o presidente interino Michel Temer (2016-2018), sustentado pela histórica “courage da conciliação conservadora” representada pelo Centrão (FERNANDES, 2020, p.72), aprovou uma série de propostas de emendas constitucionais (PEC) que põe em curso as reformas da previdência, do trabalho, do Ensino Médio e da Base Nacional Curricular.

Sobre isso, Gagnebin (1987, p.13) assinala um dos mais profundos apontamentos extraídos da tese XVI sobre a história de Walter Benjamin, ao afirmar que no pensamento desse autor “A continuidade da história é a dos opressores” e “a história dos oprimidos é uma descontinuidade”. Ou seja, a história dos oprimidos é uma “história aberta”.

Acompanhadas por esses apontamentos, vemos que a emergência do GT 18 corrobora a escrita da “história aberta” dos oprimidos como momento ético da libertação latino-americana que segue na

(re)construção de uma “pedagogia engajada na luta das classes”, como nos lembra Garcia (2001), ao refletir sobre as possibilidades oferecidas para a busca da coerência na produção do GT de Educação Popular.

As reuniões nacionais da Anped expressaram, sobretudo a partir de 2015, os golpes recentes que viriam a consolidar a aliança da dependência periférica do capitalismo no Brasil e na América Latina. Os temas das reuniões foram: “PNE: Tensões e perspectivas para a educação pública brasileira” (2015); “Democracia em Risco: a pesquisa e a pós-graduação no contexto de resistência” (2017); “Educação Pública: ataques, lutas e resistências” (2019); “Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo!”(2021).

Nesse ambiente, os GTs 06 e 18 propuseram a realização das seguintes sessões especiais conjuntas articuladas aosGTs da subárea 1 (GTs03,06,18,21,22 e23)⁴, cujos temas entrelaçam aspectos importantes vivenciados na conjuntura política e educacional, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 3– Sessões Especiais – 2015-2021.

Tema da sessão	Ano
Educação popular e EJA: ações plurais, sujeitos singulares	2015
Interculturalidade: gênero, raça, culturas indígenas e sexualidades	2015
Novos ativismos: características, desafios e tendências. Um balanço de junho/2013 a outubro/2015	2015
Contexto nacional e as exigências para a pesquisa em educação (Educação Popular e Pessoas Jovens e Adultos)	2017
Movimentos Sociais e ações coletivas: o contexto latino-americano de lutas e resistências Direitos, identidades, transformações societárias (Movimentos Sociais e Educação Ambiental)	2017

⁴ Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos (GT 03), Educação Popular (GT 06), Educação de Pessoas Jovens e Adultas (GT 18), Educação e Relações Étnico-Raciais (GT 21), Educação Ambiental (GT 22) e Gênero, Sexualidade e Educação (GT 23).

As políticas da diversidade e enfrentamento das desigualdades (Gênero e relações étnico-raciais)	2017
Interseccionalidade e Educação: desafios teóricos e metodológicos	2019
Infâncias, Juventudes, Velhices: olhares interseccionais em Educação	2019
Pedagogias e Pesquisas na perspectiva De(s)colonial	2019
Epistemologias decoloniais	2021
Paulo Freire e Movimentos Sociais na América Latina	2021

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras a partir da página da Anped.

São esses temas, entre tantos, abordados nas sessões especiais que nos alertam sobre as precariedades que desafiam os GTs 06 e 18 a problematizar questões que os puseram a realizar travessias com olhares de enlaces entre os campos de pesquisa. Travessias que continuam a ser feitas diante da necessidade de se enfrentar a ideologia da globalização como integração econômica e cultural que oculta dicotomias entre integração/desintegração, inclusão/exclusão, centro/periferia.

Essas dicotomias expressam a forma dominante do capital como novo padrão de poder mundial ao incorporar regiões e populações do planeta com o objetivo de continuar escrevendo a história dos vencedores e produzindo novos documentos de barbárie, pois, como nos provoca Walter Benjamin (2005, p. 70) em sua tese VII, “nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie”.

Nesse sentido, os Grupo de Trabalho de Educação Popular, Educação de Pessoas Jovens e Adultos e demais grupos que compõem a subárea 1 na Anped tiveram a virtude de reconhecer, solidariamente, os desafios postos por tensões cada vez mais presentes no cotidiano das camadas populares, provocadas pelas condições de produção da vida nos limites do ciclo histórico atual da acumulação capitalista.

O desafio de buscar a coerência de uma pedagogia engajada tem nos encontros, mais do que nos desencontros, potencialidades pararealizar travessias. Vasculhar o passado impulsiona o salto para

o presente como invoca Benjamin, “espichando-o”, como propõe Fischer:

Espichar o presente é trazer as categorias desse passado clássico: classe social, estrutura social, formação histórica social do país, quer dizer, esses elementos que não estão descartados sejam vertebrados por esse espichamento do cotidiano, que então todas essas questões que nós podemos, ainda, trazer para uma análise mais reflexiva, menos prescritiva, mais indagativa, mais relacional. (FISCHER, 1998 apud SOARES, 2011, p. 21).

Dentro desse “espichamento” do presente, travessias são feitas e refeitas mobilizadas para os “inéditos-viáveis”, como nos conclama Freire (1992). Destarte, um grupo de trabalho não se dá a conhecer um sem outro(s), operando a partir de um “inventário nu e óbvio do factual”, como assinala Matos (1989, p.53) a propósito da dialética materialista de Walter Benjamin, que vislumbra o tempo inacabado e escovado a contrapelo para “romper o contínuo da história” pela ação utópica concreta dos vencidos e oprimidos.

Para uma (in)conclusão

As travessias percorridas pelos GTs 06 e 18 impulsionaram a produção de conhecimento que consideramos inter-relacionar esses dois campos. Muitos são os acontecimentos que desembocaram um tempo de agora para os respectivos grupos. O presente requer atenção e vigília para desdobramentos que escapam às demandas legítimas dos sujeitos jovens e adultos e impõem desafios que pareceram coincidir com as ruínas acumuladas pelo neoliberalismo, o que nos faz perscrutar momentos possíveis quando escovamos a história a “contrapelo”.

O deslizamento do GT 18 para um lócus próprio, pelas referências dos autores com os quais dialogamos neste texto, bem como as pesquisas e os movimentos cartografados nos dizem que as travessias continuam. Nesses percursos podemos remover dúvidas que se insinuavam como especificidade do campo da EJA, como um campo de exclusivos interesses de pesquisas concentradas no contexto escolar e nos processos de escolarização de jovens e adultos.

Muito embora, desde a série histórica de estudos caracterizados como estado da arte, tenham sido poucos os que explicitaram

diretamente a interface entre Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos, o presente que se engendra a partir de um objeto de conhecimento histórico-social do presente é emprenhado por conexões com o passado. Daí ser irredutível a leitura do tempo em uma lógica homogênea e linear. Trata-se de tempo rebelde, tempo de confronto que mobiliza leituras interpretativas de políticas do passado e do presente de objetos históricos que mudam em diferenças temporais.

Para tanto, percorremos alguns apontamentos do pensamento de Walter Benjamin, particularmente algumas categorias presentes em suas teses sobre a dialética da história pela qual o autor amplia a noção de escrita da história como reflexão e refração de tempos simultâneos e desiguais. Os resíduos espalhados do passado eclodem no presente sempre “grávido de agora” (BENJAMIN, 1986) e nos inspira a enxergar o movimento relacional dos GTs 06 e 18, cujos vínculos revelam travessias solidárias na composição de campos de pesquisas no âmbito da Anped.

Referências bibliográficas

ARROYO, Miguel. Formar Educadoras e Educadores de Jovens e Adultos. In: SOARES, Leôncio (Org.). *Formação de Educadores de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, UNESCO, MEC, 2006. p. 17-32

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Escritos Sobre Mito e Linguagem* (1915-1921). Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Edição e tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito de História*. In: LÖWY, Michael. *Aviso de Incêndio: uma leitura das teses “Sobre o Conceito de História”*. Tradução de W.N.C Brandt [Tradução das Teses por Jeanne Maria Gagnebin e M. L Müller]. São Paulo: Boitempo, 2005.

BENJAMIN, Walter. Surleprogramme de la philosophie qui vient. In: BENJAMIN, Walter. *Mythe et violence*. Tradução de Maurice de Gandillac. Paris: Denoël, 1971 [1918].

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *Uma invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Ayres: Siglo Veintiuno, 2013.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. Educação popular nos movimentos sociais do campo: potencializando a relação micro-macro no cotidiano como espaço de exercício da cidadania. In: NETO, José Francisco de Melo; SCOCUGLIA, Afonso Celso. *Educação Popular: outros caminhos*. João Pessoa: Universitária/ UFPB, 1999.

COSTA, Marisa Vorraber; FLEURI, Reinaldo Matias. *Travessia; questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

ESTEBAN, Maria Teresa; TAVARES, Maria Tereza Goudard. Educação Popular e a Escola Pública: antigas questões e novos horizontes. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). *Educação Popular: lugar de construção social coletiva*. Petrópolis: Vozes, 2013.

FERRARO, Alceu. A ANPEd, a pós-graduação, a pesquisa e a veiculação da produção intelectual na área da educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 30, set./dez. 2005.

FERNANDES, Florestan. *O desafio educacional*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FISCHER, Nilton Bueno. A produção do GT 18 da ANPEd (1998-2008) Texto transcrito. In: SOARES, Leôncio (Org.). *Educação de Jovens e Adultos: o que dizem as pesquisas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *W. Benjamin ou a história aberta*. Prefácio a W. Benjamin. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- GALEANO, Eduardo. *O direito ao delírio*. Biblioteca Básica Latino Americana. Organização Sérgio Cohn. Apresentação Eric Nepomuceno. Fundação Darcy Ribeiro, 2022.
- GARCIA, Regina Leite. A busca da coerência: reflexões sobre a produção do GT Educação Popular. *Revista Brasileira de Educação*, n. 18, set./dez. 2001.
- GRAMSCI, Antonio. *Antonio Gramsci: cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- HADDAD, Sérgio. (coord.). O estado da arte dos programas em educação de jovens e adultos no Brasil: a produção discente da pós-graduação em educação no período de 1986-1988. *Relatório de pesquisa*, São Paulo, Ação Educativa, 2000.
- HADDAD, Sérgio. Prefácio. In: SOARES, Leôncio (Org.). *Educação de Jovens e Adultos: o que dizem as pesquisas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- MATOS, Olegária. *Os Arcanos do Inteiramente Outro: a Escola de Frankfurt, a Melancolia, a Revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989
- PIERRO, Maria Clara Di; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. *Cadernos CEDES*, ano XXI, n. 55, nov. 2001
- SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. *Documento: Aos que fazem a educação conosco em São Paulo/ Construindo a Educação Pública Popular. Suplemento do Diário Oficial do Município*, de 01 fev. 1989.
- SOARES, Leôncio (Org.). *Educação de Jovens e Adultos: o que dizem as pesquisas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- SOUZA, João Francisco. Educação Popular para o terceiro milênio – desafios e perspectivas. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Educação Popular hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- WANDERLEY, Eduardo. Educação Popular e processo de democratização. In: VALLE, Edênio; QUEIRÓZ, José (Orgs.). *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.